



José Cardoso Pires

Chça, outra vez?

DEPOIS DE dez anos de ditadura parlamentar em que usou o país ao desbarato, mais três meses de Cavaco Silva é um imposto de transição que entristece qualquer um.

Primeiro por um sentimento de humanidade: faz pena, incomoda, é doloroso, ver um responsável duma democracia a viver em mal disfarçada contrariedade face às liberdades e à cultura que são fundamentos obrigatórios do regime que o elegeu. Porquê? Porque, lá no inconsciente cívico, ainda acredita que o país não se discute e os governantes ainda menos, como mandava a cartilha antiga?

Não sei. De concreto, só sei que, logo que se apanhou a governar, fez da Assembleia da República “um palco de encenação”, como disse Jaime Gama, e da imprensa e da televisão um coro governamentalizado por nomeações oficiais ou por orquestrações de clientelas. Mesmo assim, anda triste há mais de dez anos, porque está sempre a ser desfeito por causa da sua política triunfalista, da sua gramática especiosa e dessa coisa das artes e das letras que já o Professor Salazar considerava um ópio do povo. Embora o Professor Salazar odiasse, por cristandade, os intelectuais e o professor Cavaco os ignorasse por delegação do dr. Santana Lopes, a verdade é que ambos os consideravam uns miseroocratas de vistas curtas, umas araras de penas falsas e uns despatriados de mal-dizer. Camões (não no Canto LXIII de “Os Lusíadas” mas na “Carta III” de Lisboa) ao rir-se de certos peralvilhos “que trazem sempre aparadas as palavras” é com certeza a essa escória que se refere. O Professor Salazar nunca leu Camões até ao fim e fez ele muito bem porque em certos homens de Estado há ignorâncias que só nobilitam a Cultura.

No entanto, o rústico e emérito Professor, embora temeroso de leituras, era arrojado nas mentiras e até fez escola nessa arte com o aristotélico “slogan”: “Em política o que parece é.”

Recordo-me de como o professor Cavaco, ignorando muitas vezes a mentira institucionalizada, sempre que lha apontavam em público, assumia aquele ar compadecido, fatalista, do chefe que ouve a ignorância do povo ou a maldade dos opositores. Dez anos de sucesso de rosto triste. O descanso, finalmente. A vida civil, a família. Mas de repente Deus chama-o e só ele, Senhores do Mundo, tem experiência para salvar Portugal. Depois de Salazar, aqui está um orador providencialista que comove pela modéstia e pela confiança na desmemória colectiva.

Para provar que não era nem de longe um “remake” meridional do génio de Santa Comba Dão, o professor Cavaco Silva, com o “copyright” da transparência de sucesso que lhe é universalmente reconhecido, andou dez anos a explicar-nos que: “Em política o que não parece é.” Chamou-nos oásis, declarou-nos invejados por todos os políticos da Comunidade, apontou-nos índices de felicidade em estatísticas de compadrio, falou de nós cá para dentro como se fôssemos heróis lá fora, eu sei lá. Para que ficássemos todos tranquilos, nomeou-se Homem do Leme — um cognome que, por sinal, já tinha sido dado ao Salazar pelos fragateiros do Estado Novo.

Só que o Professor de Santa Comba e do Horto de Caxias era um sádico da mentira à descarada, protegido pela censura e pelas fronteiras da PIDE. Mentia para nos humilhar na impotência de lhe respondermos e o seu à-vontade era tal que usava de argumentos estúpidos como desprezo e agressão à inteligência corrente.

Esta escola da mentira para imbecis ainda teve muitos devotos nos Dez Anos

de Absolutismo Democrático que acabamos de vencer. Quando agora me lembro do imperador PSD Todo-Bom, não são as tecnologias mafiosas com que explorou o país que mais me repugnam, mas a estupidez com que ele pensou que as desculpava. Afirmava que todas as fraudes e abusos de que a Telecom era acusada nunca poderiam ser verdadeiros porque desacreditariam uma empresa que vivia exclusivamente dos seus clientes. Só que, sendo um monopólio, a Telecom tem Portugal inteiro como cliente.

Não. Não é dos escândalos de corrupção que vou falar porque fazem parte da contabilidade da laranja mecânica que nos envenenou tecnocraticamente durante dez anos. Nem dos investidores partidários e das suas cotações. Nem da nojenta selvajaria mental que está por detrás dos milhares de contos mensais que Catroga e outros ratos dourados do Governo já tinham assegurado para depois do naufrágio das eleições, nem das centenas e centenas de lugares de luxo que à última hora foram distribuídos pelos seus militantes neste país de salário mínimo de miséria.

Não. Falo da mentira mundana, oficial, institucionalizada. Recordo-me de como o professor Cavaco, ignorando-a muitas vezes, sempre que lha apontavam em público, assumia aquele ar compadecido, fatalista, do chefe que ouve a ignorância do povo ou a maldade dos opositores.

Dez anos de sucesso de rosto triste. O descanso, finalmente. A vida civil, a família. Mas de repente Deus chama-o e só ele, Senhores do Mundo, tem experiência para salvar Portugal. Depois de Salazar, aqui está um orador providencialista que comove pela modéstia e pela confiança na desmemória colectiva.

E pronto. Agora sonha-se. Diz-se único. Depois de ministro de sucesso, Presidente de sucesso. Mas Presidente de que República? Duma encenação que ele queira repovoar de naufragos recuperados? ●